

Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, os portugueses não encontraram aqui nenhuma manifestação de arte digna deste nome. Apenas na ilha de Marajó, no delta do Amazonas, foram achados mais tarde urnas funerárias e objetos de louça. Os índios que habitavam a ilha haviam construído, no lago de Arari, uma ilha artificial, para cemitério, onde guardavam os ossos dos seus mortos em urnas de barro. Em muitas dessas urnas estão representados animais ou cabeças de homens, às vezes curiosamente estilizadas; outras têm desenhos ornamentais interessantes.

A situação da arte nos primeiros séculos pôde ser resumida assim: "Portugal possuía pintores insignificantes; para aqui vieram os mais medíocres". A pintura e a escultura limitavam-se às igrejas e conventos; geralmente o que se fazia era copiar, e mal, as obras de arte religiosas da Europa.

No primeiro século não há nada a notar.

Em 1637 chegou a Pernambuco o príncipe Maurício de Nassáu, que vinha governar as regiões de que se haviam apossado os holandeses. Trouxe consigo três artistas. O mais importante deles é Franz Post, que soube retratar com justeza, aspectos da paisagem nordestina. Albert Eckhout desenhava com minúcia figuras de índios, negros, mamelucos e mulatos, árvores, armas, utensílios de trabalho e objetos de vestuário e adorno. Zacarias Wagener, alemão, fez um livro de aquarelas da fauna nordestina.

No fim do século XVIII e começo do XIX a prosperidade da Igreja em alguns centros animou o trabalho de alguns artistas.

O guarda-mór José Soares de Araújo, português, decorou, na segunda metade de 1700, algumas igrejas de Diamantina. Mais interessante é Manuel Da Costa Athayde, que pintou painéis em mais de 18 igrejas na zona aurífera de Minas Gerais. Athayde copia estampas ou figuras de um missal, mas às vezes lhes altera o colorido e toma a liberdade de se retratar nas figuras de santos. Mineiro de nascimento, e a princípio sargento e depois alferes de cavalaria, foi contemporâneo da maior figura de arte colonial brasileira, o escultor Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, de que falaremos mais adiante.

Outros pintores mineiros da época são Joaquim Gonçalves da Rocha (de Sabará, próximo à atual capital de Minas, Belo Horizonte) e José Joaquim Vieira de Menezes, de quem se sabe que ~~apenas~~ estudou gravura em Lisboa. Não se conhecem os nomes da maioria dos pintores e santeiros dessa época. Faziam e mal, cópias barrocas.

Em Pernambuco há decorações nas igrejas feitas por Genuto da Silva Tavares, João de Deus Sepulveda e Luiz Alves Pinto.

Na Baía nasce em 1777 uma figura interessante: José Joaquim da Rocha, que estudou pintura na Europa e na volta fundou uma escola. Ajudou vários dis-

12-  
(CONT. 2 - BRAGA) - cipulos como José Teofilo de Jesus (que foi à Europa à sua custa) e Antonio Joaquim Franco Velasco (1780-1833) que teve por sua vez discipulos, um dos quais, Capinam, fez litografias e painéis religiosos. Nada ficou da obra de um pintor espanhol que muito se esforçou pelo desenvolvimento da arte na Baía: Camysares.

No Rio há um precursor solitário e interessante, ainda no século XVII: Frei Ricardo do Pilar, já nascido em Colonia. Magro, místico, vegetariano, viveu mais de 30 anos no mosteiro de S. Bento. Decorou seus muros com um desenho sóbrio e um colorido harmonioso. Morreu em 1700. No século XVII notam-se o Mestre Rosa (José de Oliveira Rosa), que decorou o palacio do Vice-Rei e deixou dois discipulos, João Francisco Muzzi e João de Souza, autor de vários quadros existentes à na sacristia do Convento do Carmo, e que ensinou pintura ao mulato Manuel da Cunha, de quem ficou um bom retrato do conde de Bobadella. Seu contemporaneo Leandro Joaquim aparece liberto dos temas religiosos, pintando cenas reais. Frei Francisco Solano, ~~pintor~~ o professor Manoel Dias de Oliveira, José Leandro de Carvalho, que retratou D. João VI, Francisco Pedro do Amaral, que decorou a Biblioteca Pública, retratou a Marqueza dos Santos e decorou seu palacio, assim como o Paço da Cidade e o palacio da Quinta da Boa Vista - são estes os pintores ainda a citar no Rio antes da chegada da Missão Franceza.

Nos primeiros séculos de S. Paulo destacam-se o padre Jesuino do Monte Carmelo, decorador de igrejas e conventos, e o "Miguelzinho", Miguel Araujo Benicio de Assunção Dutra que fixou com um realismo ingenuo cenas e costumes do começo do século XIX, e tinha uma especial predileção por retratar tipos populares.

Tal como a pintura, a escultura colonial é uma copia do barroco português e está sempre a serviço da religião. O mulato Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1730-1814), filho de um arquiteto ~~português~~ português e uma negra escrava, dá entretanto às imagens que talhou na madeira ou na pedra-sabão a força mágica de sua genialidade. Sua arte pôde ser vista em numerosas igrejas da zona de mineração de Minas Gerais, notadamente as de N.S. do Carmo e S. Francisco de Assis, de Ouro Preto; as de S. Francisco de Mariana e São João Del Rei, a de N.S. do Carmo, de Sabará, a matriz de Santa Luzia do Rio das Velhas e o Santuário S. Bom Jesus de Mattosinhos, em Congonhas do Campo. Defronte ao adro desta última estão as figuras dos 12 apóstolos, em pedra (a copia de uma delas pôde ser vista no Ministério da Educação) e no interior, em madeira, a representação dos Passos. Aos 47 anos de idade Francisco Lisboa foi atacado por uma extranha molestia que lhe fez perder os dedos do pé e atrofiou os das mãos. Ultimamente só possuia os polegares e indicadores, e um de seus escravos e auxiliares tinha de lhe amarrar às mãos o ferro e o macete.

(CONT. 3 - BRAGA) -

Outro mulato mineiro filho de um fidalgo português e uma escrava, Valentim da Fonseca e Silva (falecido em 1813), não atormentado nem em sua vida nem em sua arte como o Aleijadinho, realizou no Rio uma obra notável pelo seu bom gosto e às vezes pelo sentido nacionalista. Fez escultura em bronze (os jacarés do Passeio Público, a "Diana" do Jardim Botânico, et) executou cha farizes (como o da praça 15 de novembro) fez moldes para lampadários, custódias e relicários, e talhou no cedro a decoração da capela do noviciado da Igreja de S. Francisco de Paula e o teto e paredes da Igreja da Cruz dos Militares, dando ao exuberante barroco português um sensualismo diferente. Pa-dua e Castro completou sua obra de entalhador. Na Baía se destacam como entalhadores e escultores de ~~algumas~~ imagens Chagas, o "Cabra", Bento Sabino dos Reis, Manoel Ignacio da Costa (que trabalhou em madeira, pedra jaspe, barro e casca de cajazeira). Grande número de obras de arte em jacarandá, mármore e azulejos dos séculos XVIII e XIX que enriquecem as igrejas brasileiras são devidas a artistas ~~mãga~~ portugueses, muitos deles anônimos.

Tem uma importância capital no desenvolvimento da arte no Brasil a chegada, em 1816, da Missão Francesa, integrada pelas figuras mais importantes da Classe de Belas Artes do Instituto de França, que aceitaram vir fundar uma Escola de Belas Artes no Brasil porque, sendo bonapartistas, estavam desgostosos com a reposição, no trono, de Luiz XVIII. A missão veio chefiada por Lebreton, e integrada por Nicolas Antoine Taunay, pintor de gênero e de batalhas, presidente da classe de Belas Artes do Instituto de França; Debret, pintor e gravador; Grandjean de Montigny e Auguste Marie Taunay, ambos escultores e grande prêmio de Roma, Pradier, gravador, além de vários artifices. Mais tarde vieram Marc e Zepherine Ferrez, escultor e gravador. Intrigas e rivalidades atrapalharam o trabalho desses homens. Em 1826 Debret (que pintou a Sagração de Pedro I e um retrato de D. João VI, porém é mais conhecido pelas suas gravuras, organizou uma exposição de arte. Debret deixou vários discípulos, entre os quais Manuel de Araujo Porto Alegre. A Academia de Belas Artes, então fundada, formou várias gerações de artistas brasileiros, que sofreram, naturalmente, uma forte influência do gosto francês. Muitos outros artistas vieram para o Brasil atraídos pelas boas notícias sobre a Missão Francesa: Armand Julien Pallières, que fez litografias; Buvelot, que mais tarde se celebrou na Austrália; Borely, que introduziu o pastel; o miniaturista Facchinetti, o caricaturista Biard, o romântico Vinet, discípulo de Corot, o desenhista e aquarelista Henrique Fleuss, o ourives e pintor Perret e o pintor de batalhas náuticas De Martino, que pintou feitos da guerra do Paraguai. Em 1840 realizou-se a 1.ª Exposição Geral de Belas Artes.

O imperador Pedro II foi um grande protetor das artes plásticas. Sob seu reinado a pintura brasileira se liberta, senão pelos processos, pelo espírito e sentimento da arte francesa. As duas grandes figuras são então Vitor Meire-

(CONT. 4 - ERAGA) - les (1832-1903) nasceu em Santa Catarina; cursou a Academia de Artes do Rio e estudou depois em Roma e Paris. Tinha uma tendência romantica, mas foi sempre fiel aos canones classicos. São seus quadros muito conhecidos no Brasil, como "A Primeira missa do Brasil", "A Proclamação da Independência", "Combate Naval de Riachuelo", "Batalha de Guararapes". Pintou várias cenas públicas e "Moema", de sabor romantico. Pedro Américo (1843-1905) foi um menino prodigio; aos 9 anos de idade um naturalista francês, passando por um vilarejo do interior da Paraíba, fez com que o Governador da Provincia o nomeasse desenhista da expedição. Veiu depois para o Rio, cursando o Colégio Pedro II e a Academia de Belas Artes, recebendo uma pensão pessoal de Pedro II. Em Paris cursou, além da Academia de Belas Artes, o Instituto de Fisica Ganot, vários cursos de ciencias da Sarbonne. Viajou toda a Europa, formou-se pela universidade de Bruxelas e escreveu várias obras sobre filosofia e ciencia. Era, como Vitor Meireles, obediente às regras e convenções da pintura da época e seus quadros são de fatura brilhante, destacando-se a "Batalha de ~~Amí~~ Avaí", "Independência ou Morte" "Batalha de Campo Grande", "Velhice de David" e "A Carioca".

Vitor Meireles e Pedro Américo tiveram grande influência como professores. Da geração de seus alunos, no fim do Segundo Império, destacam-se Almeida Junior e Rodolfo Amoêdo. Nascido no interior paulista. Almeida Junior estudou no Rio com Vitor Meireles e foi mandado à Europa graças a uma bolsa particular de Pedro II, em 1876. Mostrou-se insensível às modernas correntes que então agitavam o meio artistico francês, mas apurou sua técnica e mostrou, ao voltar, uma decidida preferencia pelas cenas e tipos do interior paulista. Sua arte é, já assim, abertamente nativista afirmando-se em quadros como "O Violeiro", "Amolação interrompida e "Picando Fumo". Foi assassinado em 1899.

Rodolfo Amoêdo, de formação artistica semelhante à de Almeida Junior, estudou com Puvis de Chavannes e demonstrou uma técnica apurada, às vezes a serviço de um certo lirismo literário. Decorou a Biblioteca Nacional, o Itamarati e o Supremo Tribunal Militar.

Jorge Grim, um bávaro (1846-1887) teve importância sobretudo como professor, levando seus alunos da Academia ~~para~~ para o ar livre. Ainda no Segundo Império são figuras interessantes Angelo Agostini, piemontês (1843-1910) que teve importância na campanha abolicionista dirigindo várias revistas de "charge" política, e pintava com bom colorido; Auguste Petit, francês, Décio Vilares, positivista, notavel pela delicadeza de seu colorido e finura de desenho; o espanhol Broco, que estudou com Vitor Meireles e pintou cenas da vida rural; Benedito Galixto, de Itanhaem; Francisco Aurelio de Figueiredo, irmão de Pedro Américo, que fez o "Descobrimento do Brasil" e pintou a última festa da Monarquia em seu "Ultimo Baile da Ilha Fiscal"; Belmiro de Almeida, mineiro, que tem no Museu quadros interessantes como "Dame à la rose" e "Tagarela", e fez pintura impressionista; Henrique Bernadelli, chileno, autor de "Os bandeirantes"; e Oscar Pereira da Silva, autor de alguns quadros populares

(CONT. 5 - BRAGA) - como "O desembarque de Cabral" e "Fundação de São Paulo", decorador do Teatro Municipal de S. Paulo e do Museu Paulista.

Uma variedade crescente de gostos e tendências assinala a pintura sob a Primeira República. Antes de chegarmos ao movimento modernista (1922) devemos destacar Teles Junior (1851-1914) interprete da paisagem pernambucana; Batista da Costa (1856-1926) paisagista simples, mas sólido e bom professor; o italiano Castagneto, pintor impressionista de marinhas; Pinto Bandeira (1863-96) bom paisagista que se suicidou lançando-se de uma barca da Cantareira; o velho Delpino (1864-1942), mineiro, que criou o tipo do Tiradentes e o da Marília de Dirceu; Antonio Parreiras, aluno de Grimm e grande explorador dos verdes de nossa paisagem; Sr. Pedro Alexandrino, mestre da natureza morta, que fazia com precisão realista misturada a uma certa ternura caseira pelas coisas; Eduardo de Sá, positivista, pintor e escultor, responsável pelo monumento a Floriano Peixoto e bustos de Castro Alves e Vitor Meireles; Elixéu Visconti, notável pela sua procura incessante e poética; Lucílio de Albuquerque, que teve influência impressionista fez boas paisagens e foi um grande mestre e animador dos novos; Navarro da Costa, que mostra influência do pontilhismo em suas marinhas; João Timoteo da Costa bom explorador do claro-escuro, que decorou a Câmara dos Deputados e o Fluminense F.C. e morreu louco; e Vicente Leite, paisagista de sensibilidade.

Antes de cuidar do movimento modernista citaremos alguns artistas academicos bem conhecidos na atualidade, como Georgina de Albuquerque, R. Chambelland, Carlos Oswald, Edgard Parreiras, Levino Fauzeres, Leopoldo Gotuzzo, Henrique Salvio, Presciliano Silva, Lopes de Leão, Pedro Bruno, Marques Campão, M. Constantino, Henrique Cavaleiro, Wash Rodrigues, Gastão Formenti, Manuel Santiago, Oswaldo Teixeira, Emailovitch Sigaud Proença, Haydeá Santiago, Madruga Filho, Guthman Bicho, Anibal de Matos, Alipio Dutra, Fahrion, Orócio Belém, Rescala, Lucília Fraga, Olga Mary Pedrosa, Angelo Guido, Teodoro Braga, Augusto Bracet, Castro Filho.

Quanto à escultura, ela evoluiu paralelamente à pintura desde a Missão Francesa até nossos dias, com menos riqueza e variedade de artistas. Dos discípulos de Marc Ferrez o mais importante foi o mestiço Chaves Pinheiro (1822-1884), que por sua vez teve dois discípulos interessantes, Caetano de Almeida e Rodolfo Bernadelli (1852-1931). Este último é talvez o maior escultor brasileiro de sua época e foi mestre de mais de uma geração de escultores. Depois dele alcançaram renome Corrêa Lima, Leão Veloso, Amadeu Zani, Modestino Kanto, Honorio Peçanha, Antonio de Matos, Magalhães Corrêa, Paulo Mazuchelli, Humberto Cozzo e Julio Guerra, merecendo ainda, além de outros, referencia como escultores contemporâneos Barista Ferri, Francisco de Andrade, Bibiano Silva, o polonês conde Zamolsky, Ricardo Cipicchia, Castellane, Caringi, e Agriana Janacopulos.

Tanto a pintura como a escultura tomaram rumos novos a partir da Semana da Arte Moderna, realizada em S. Paulo em 1922. Já antes, em 1913, Lazar Segall fizera no Rio uma exposição, e em 1916 Anita Malfatti chocara os meios artisticos de S. Paulo com sua mostra. Outra pintura paulista, Tarsila do Amaral tem um lugar de grande destaque nesse movimento de renovação. As artes plásticas e a literatura libertam-se de todos os canones acadêmicos; os artistas entregam-

(CONT. 6 - BRAGA) - -se às mais desconhecidas influências das escolas modernas européias, ao mesmo tempo que se manifesta um forte espírito regionalista; os temas brasileiros são atacados de maneira inteiramente nova. Dois nomes avultam; os de Candido Portinari, paulista filho de imigrantes florentinos, dotado de uma espantosa virtuosidade e de uma sensibilidade riquíssima, ~~excepcional~~ e cujo renome já de há muito se firmou no exterior; ficou famoso não apenas pelos seus quadros e desenhos como seus ~~psicnátixxxx~~ painéis e murais; e Iazar Segall, russo de nascimento, vindo do expressionismo alemão, notável pela sua pintura sobria de cores mas sólida e poderosa, e também excelente escultor. Em S. Paulo a maioria dos artistas resolveu-se por uma pintura de tons frios e baixos, ao gosto impressionista. Reboló, Bonadei, Nelson Nobrega, Volpi, ~~Zanini~~ Zanini e Worms são alguns expoentes dessa escola. Merece especial destaque, por ser um precursor e pela sua força de artista Di Cavalcanti, cuja mulher, Noemia Mourão é muito conhecida pelo seu desenho sensível. Outra figura destacada é Guinard, que junta um grande apuro técnico a uma grande sensibilidade lírica. Hugo Adami também se conta ~~em~~ entre os inovadores. Entre outros se destacam em S. Paulo Clovis Graciano, Luci Ferreira, Carlos Scliar e Manuel Martins. No Rio a influência de Portinari é mais sensível. Santa Rosa, Orlando Terus, os Campofiorito, Roberto Burle Marx, Milton Pedrosa, Percy Deane, José Moraes, Rocha Miranda, Atimés Machado, Luis Jardim, Aldary Toledo, Ernani de Vasconcelos, Carlos Arthur Thiré, Ubibava, Athos Bulcão, Eros Gonçalves são outros nomes que exprimem variadas ~~tendências~~ tendências. Em Pernambuco destacou-se pelo seu lirismo ingenuo Cicero Dias. O marinheiro Pancetti. Os "primitivos" Heitor dos Prazeres, Djanira, Silvia, Cardoso, Tibério, Souza e Luiz Soares. O expressionista Flavio de Carvalho; Augusto Rodrigues, os irmãos Rego Monteiro, Livio Abramo, Cenni, Lula Cardoso Ayres, Iberê Camargo, Walter Levy, Carlos Prado, Odete, Waldemar da Costa, Panes Werneck, Quirino, Rossi, Poti, Fulvio Pennachi, o gravador Goeldi - há ainda muitas dezenas de nomes a citar, resumindo uma imensa variedade de tendências e uma extraordinária riqueza que fazem da pintura brasileira de hoje, à exceção talvez da mexicana, a melhor de todas as Américas e uma das mais notáveis do mundo.

Na escultura moderna têm lugar de destaque Brecheret, De Fiore, Nobiling, Iguera, Bruno Giorgi, Ceschiatti, Celso Antonio, Krug e Pedrosa. Variando da arte abstrata até a arte social, a pintura moderna brasileira está em plena fase de expansão criadora, com seus mais fortes elementos em grande produção, outros evoluindo e um grande número de jovens surgindo a cada nova exposição coletiva. É possível que tenhamos omitido alguns nomes; e ainda não há, infelizmente, um museu de arte moderna para facilitar o conhecimento dessa obra tão ~~hz~~ variada e rica de nossos pintores de hoje.

(Notas tiradas de obras de Gonzaga Duque, Carlos Rubens, Frederico Barata, Reis Junior, Luis Martins, Sergio Milhiet, Angione Costa e outros)

..X.X.X.X.X..